

LUDICIDADE E RESILIÊNCIA: COMO PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL LIDAM COM AS CONDIÇÕES ADVERSAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Fernanda Almeida Pereira¹

Resumo: *Estudos sobre a saúde física e mental no Brasil revelam tanto o adoecimento dos professores no exercício da profissão, quanto as condições precárias de trabalho. A partir daí se origina a nossa preocupação em identificar caminhos que auxiliem o professor a lidar melhor com as condições adversas presentes no cotidiano escolar. Deste modo, este artigo pretende levantar a partir de uma revisão bibliográfica elementos que respondam à questão: A ludicidade pode se constituir em elemento restaurador da psique humana, no sentido de auxiliar a resiliência no professor, ajudando-o a lidar melhor com situações que envolvem condições adversas no ambiente de trabalho? Elegemos o método etnográfico a partir de uma perspectiva crítica como eixo norteador da pesquisa. A pesquisa se encontra em fase exploratória, de diagnóstico das situações de estresse e de angústia percebidas pelas professoras. Este artigo tem por objetivo apresentar os primeiros dados coletados através da revisão de bibliografia que integra o projeto de pesquisa em nível de mestrado.*

Palavras-chave: Educação infantil; Estresse ocupacional; Resiliência e ludicidade.

INTRODUÇÃO

Ser professor na atualidade não é uma tarefa fácil. É um exercício diário de enfrentamento de desafios que implicam na busca pelo auto-conhecimento, estudo, construção de relações de respeito e solidariedade com o outro, seja ele o estudante, o colega, a hierarquia administrativa, a comunidade escolar. É, acima de tudo, uma prática de superação de si e dos limites que nos são impostos, cotidianamente. Em uma outra linguagem, artística, esse convite à superação vem através da música Brincar de viver, que diz “Você verá que é mesmo assim, que a história não tem fim/ Continua sempre que você responde sim à sua imaginação/ A arte de sorrir cada vez que o mundo diz não/ Você verá que a emoção começa agora/ Agora é brincar de viver”².

A escolha desta temática para pesquisa está diretamente ligada à minha experiência de vida, como professora que exerce a profissão há treze anos, onze deles em uma creche ligada a uma universidade pública. Deste modo, há ao mesmo tempo, um envolvimento pessoal e profissional que me motivam a investigar se a vivência de experiências lúdicas pode ser um caminho para que o professor possa enfrentar as adversidades no cotidiano escolar sem, necessariamente, desestruturar-se ou desestruturar a sua vida total ou irreversivelmente, ainda que existam cicatrizes e, portanto, tenham existido feridas abertas.

As dificuldades do fazer docente, foco deste anteprojeto de pesquisa estão relacionadas aos agentes estressores, que no contexto escolar podem ser identificados como a redução do número de profissionais em sala de aula, rotatividade de auxiliares, implicando em sobrecarga de trabalho para as professoras; desconsideração da manifestação de uma categoria acerca desta

¹ É aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Faculdade de Educação da Bahia – FACED, em 2008. Professora de 1º e 2º Grau da Universidade Federal da Bahia e exerce a docência em turmas de Educação Infantil da Creche UFBA, há 11 anos.

² Composição de Jon Lucien e Guilherme Arantes.

decisão ter sido tomada por pessoas alheias ao ambiente de trabalho; falta de destinação periódica de recursos; deterioração das instalações físicas, manutenção do mesmo número de crianças em sala, mesmo com a chegada de crianças necessidades especiais, afastamento de professoras para qualificação docente, sem a substituição das mesmas; ausência de operacionalização de reformas e instalação dos equipamentos necessários para o bom desempenho do trabalho, implicando em sucessivos improvisos, para que uma criança com necessidades especiais de locomoção fosse de fato incluída, como prevê a lei.

Não é difícil reconhecer que estas situações cotidianas podem gerar, no professor, desgaste físico e psíquico, com implicação no sobreesforço necessário à realização das atividades diárias, assim como, sentimento de desvalorização profissional, tristeza, frustração e até mesmo a percepção de impotência diante de um quadro de falta de autonomia financeira e administrativa, rotatividade de funcionários que reverberam como comprometimento das condições de trabalho.

Alguns profissionais da área de saúde acreditam que embora o estresse possa ocorrer a partir de um evento não esperado, na forma de uma tragédia, ou de catástrofes naturais, segundo a Dra. Dóra Chor, pesquisadora da Fiocruz³,

“Recentemente, a pesquisa a respeito dos efeitos do estresse sobre a saúde tem se concentrado prioritariamente nas situações em que o estresse é vivenciado em pequenas doses, cotidianas, como é o caso do ambiente do trabalho. Diante dessa exposição duradoura, outras reações de adaptação do organismo são necessárias”.

Ainda sobre os estressores presentes no cotidiano do ambiente de trabalho, Glina⁴ afirma que “aborrecimentos pequenos do dia a dia (daily hassles) podem ter maior impacto negativo sobre nós do que eventos maiores e traumáticos da vida (...) *Principalmente* quando as situações estressantes não se resolvem (número de estressores, intensidade e duração), o corpo mantém-se em estado de constante ativação, que aumenta o desgaste dos sistemas biológicos”.

Considerando os agentes estressores presentes no cotidiano e citados anteriormente e as conseqüências para o trabalhador, concordamos com Reis (2005, p. 1480) quando afirma que “esta situação estressante leva a repercussões na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores”. O estudo do impacto do estresse que gera o adoecimento dos profissionais, como conseqüência do exercício do trabalho, é denominada em muitos países como Síndrome de burnout. Aqui no Brasil é também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, expressão utilizada em estudos mais gerais sobre estresse no trabalho. Quando acomete professores é mais conhecida como *Mal-estar docente*. Esta tem sido apontada como uma expressiva causa de afastamento médico ou mesmo abandono da profissão docente.

PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

O trabalho humano possui um duplo caráter, se por um lado é percebido como fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos

³ Em artigo disponível em: <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/17889>.

⁴ Professora Dra. Débora Miriam Raab, Faculdade de Medicina – USP e do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Santo Amaro - SMS, PMSP. Disponível em: <http://www.deboraglina.com.br/>

sujeitos; por outro, pode também transformar-se em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde do trabalhador. (Seligmann-Silva, 1994, Dejours, 1987).

Nos modos de produção capitalista as exigências em relação aos trabalhadores e ao produto do seu labor são crescentes, a exemplo de controle da produtividade, do ritmo de trabalho, do tipo de tarefa a ser realizado, do tempo de sua execução, bem como da jornada e carga de trabalho necessária. Na escola, não tem sido diferente.

Embora em outros países a preocupação com a saúde dos trabalhadores em educação, isto é dos professores, faça referência à década de 1970, percebe-se que, no Brasil, algumas pesquisas foram realizadas, a partir de meados da década de 1990. Esses estudos abordam as condições de saúde e trabalho, principalmente, na escola pública.

A preocupação com as condições de trabalho e sua relação com a ocorrência de problemas na saúde física e mental de professores vem se intensificando ao longo das duas últimas décadas.

Em nível nacional, um estudo significativo realizado por CODO et al. (1998) com enfoque para a saúde mental do professores revelou que, em um universo de 30.000 professores investigados, 26% da amostra apresentavam exaustão emocional. Há que se considerar a variação de 17% em Minas e 39% no Ceará. CODO (1998) constatou ainda que, os principais fatores para o quadro encontrado foram a desvalorização profissional, baixa auto-estima e ausência de resultados no trabalho desenvolvido.

Em nível estadual, segundo dados de pesquisa realizada pelo CESAT (Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador), citada pelo SINPRO (Sindicato dos Professores no Estado da Bahia), senão vejamos:

“Em Salvador, na Bahia o CESAT, órgão da Secretaria de Saúde do Estado, em um estudo da demanda do Ambulatório no período de 1991 a 1995, registrou o atendimento de 76 docentes. Das pessoas atendidas 93,4% eram mulheres, com faixa de idade predominante entre 40 e 49 anos. Após avaliação, 46 educadores (60,5%) foram diagnosticados como portadores de doenças ocupacionais. As doenças encontradas foram: calos nas cordas vocais, 41,3% dos casos, rinosinusite, 34,8% dos casos, asma, 13,0%, Lesões por Esforços Repetitivos, 6,5%, dermatose, 2,2% e varizes, 2,2%”.

Mais recentemente, uma pesquisa realizada por Wernick (2000), para a obtenção do título de mestrado em Saúde Coletiva apontou para a estreita relação entre condições de trabalho e a saúde dos professores da UFBA (Universidade Federal da Bahia). Esta pesquisa nos interessa de modo particular por se tratar da investigação das condições de trabalho e saúde dos professores da UFBA, dentre os quais os professores de 1º e 2º Graus, sujeitos deste projeto de pesquisa.

Nesta pesquisa, a mestranda conclui que “as precárias condições de trabalho, referidas pelos professores da UFBA, refletem a política educacional do país, a qual induz ao fim da universidade pública, gratuita, autônoma e competente”. Ademais a pesquisadora explicita como objetivo “identificar os principais problemas de saúde e trabalho pelos professores da Universidade Federal da Bahia através de um inquérito de morbidade referida, visando fornecer subsídios para a implantação de um programa de saúde ocupacional”. (WERNICK, 2000; 11-12)

Destacamos a importância da pesquisa acima descrita no que diz respeito à identificação das condições de trabalho a que estão sujeitos os professores de 3º Grau considerando que os Professores de 1º e 2º Graus, sujeitos da nossa pesquisa, encontram-se atrelados a esta mesma realidade e estrutura organizacional.

Neste sentido, Wernick (2000) constata que:

“Mais da metade dos professores referiram problemas na estrutura física dos locais de trabalho, entre eles ventilação, ergonomia das carteiras e da mesa do professor, acústica das salas de aula e trabalho, nível de ruído e condições de limpeza dos locais de trabalho. Os riscos de exposição mais frequentemente referidos foram risco de violência pessoal – roubos, furtos, estupro (57,3%), violência contra o patrimônio (66,6%) e exposição ao calor (63,0%). Os demais riscos avaliados variaram marcadamente dentre as cinco áreas de concentração. A insatisfação com o salário foi referida por 84,5% da amostra. As queixas de saúde mais frequentemente referidas foram cansaço mental (44,6%), dor nas pernas (36,1%), dor nas costas (34,7%), rinite (28,1%), rouquidão (25,9%) e esquecimento (25%). As varizes de membros inferiores e a hipertensão arterial sistêmica foram os diagnósticos confirmados por médicos com maior prevalência (25,3% e 17,1%, respectivamente). A prevalência de distúrbios psíquicos menores (DPM) foi de 17,6% no sexo masculino e 20,0% no sexo feminino. O consumo de bebida alcoólica foi referido por 51,8% dos professores e o CAGE foi positivo em 3,9%. O hábito de fumar foi referido por 17,1% dos entrevistados.”

Pode-se constatar pelas informações coletadas que são dados gerais sobre a avaliação da estrutura física, condições de higiene, riscos de exposição, insatisfação salarial, queixas de saúde, hábitos, problemas de saúde com comprovação médica e nível de alcoolismo.

Diante da existência de estudos da saúde física e mental no Brasil que revelam tanto o adoecimento dos professores no exercício do trabalho, quanto às condições precárias de trabalho e a nossa preocupação em identificar caminhos que auxiliem o professor a lidar melhor com as condições adversas presentes no cotidiano escolar, esta pesquisa pretende levantar elementos que respondam à questão: A ludicidade pode se constituir em elemento restaurador da psique humana, no sentido de auxiliar a resiliência no professor, ajudando-o a lidar melhor com situações que envolvem o estresse ocupacional?

Importa compreender se e como os professores utilizam a ludicidade para promover atividades que integram o pensar, sentir e agir, com foco nas situações prazerosas, felizes, encorajadoras, caminhos de superação dos próprios limites e dos inerentes ao seu ambiente de trabalho para continuar a exercer a profissão sem apatia, absenteísmo e despersonalização no cotidiano, mesmo reconhecendo a existência de agentes estressores.

REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

A discussão teórica propõe articular quatro conceitos fundamentais que nortearão a compreensão da problemática proposta, que são: a educação infantil, o estresse ocupacional, a ludicidade e a resiliência.

A **Educação Infantil** compreendida a partir da LDB, Lei 9394/96, como.

“(…) primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. (Capítulo II, Art. 29 e 30).”

O **estresse** é compreendido a partir do conceito de COX (1978). Ele chamou de estresse ocupacional a percepção, pelo trabalhador, do desequilíbrio entre as demandas existentes no trabalho e sua habilidade e/ou possibilidade para respondê-las.

O conceito de **ludicidade** adotado, tal como construído por Luckesi e o GEPEL (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade) leva em consideração as recentes discussões sobre a ludicidade em uma perspectiva de uma ‘experiência de plenitude’, onde a integração do sentir, pensar e agir estejam presentes na realização das atividades. Deste modo, Luckesi afirma (2007, p. 15) que “Lúdico é um estado interno do sujeito e ludicidade é uma denominação geral para esse estado – “estado de ludicidade”; essa é uma qualidade de quem está lúdico por dentro de si mesmo”.

Concordamos com o conceito de **resiliência** elaborado por Cyrulnik (2004, p. 207). Para ele, “trata-se de um processo, um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes”.

A resiliência pode ser definida como a capacidade que algumas pessoas têm tanto individualmente quanto em grupo de resistir e enfrentar situações adversas, superá-las, sem perder seu equilíbrio inicial, e ainda a saírem fortalecidas ou mesmo transformadas de maneira positiva a partir delas. Mas ninguém propõe que a resiliência seja um processo indolor ou que deixem de existir fantasmas, remanescentes destes traumas. Neste sentido, Luckesi (2007, p. 12) afirma:

“O ser humano é um ser que se desenvolve, através dos seus atos no decorrer do tempo. (...) O desenvolvimento se processa dentro de nós, todavia na convivência com outro, seja ela harmônica ou conflituosa. Por vezes, a harmonia nos faz crescer e por vezes o conflito também. O conflito não compreendido pode ser traumático e, por isso mesmo, tem o poder de nos fixar na situação e nos prender ao passado; mas, um conflito compreendido pode ser um recurso útil na vida pessoal”.

Acreditamos que, de acordo com a interpretação das experiências, conflituosas ou não, que vivenciamos no ambiente de trabalho, bem como das atitudes que tomamos daí por diante, pode se revelar através de posturas mais ou menos lúdicas. Ou seja, podemos criar em nós traumatismos ou significar o fato inicial sem que um trauma se instale.

Ao iniciar esta discussão teórica proponho a articulação de três conceitos fundamentais que nortearão a compreensão da problemática proposta, que são: o estresse ocupacional, a ludicidade e a resiliência.

O estresse ocupacional é tomado aqui na perspectiva definida por Limongi & Rodrigues, 1999 apud Reis et al. (2006, p. 232). Para eles,

“Burnout corresponde à resposta emocional a situações de estresse crônico em razão de relações intensas – em situações de trabalho – com outras pessoas, ou de profissionais que apresentam grandes expectativas com relação a seu desenvolvimento profissional e dedicação à profissão; no entanto, em decorrência de diferentes obstáculos, não alcançaram o retorno esperado”.

Compartilho com o conceito de ludicidade tal como foi construído pelo GEPEL (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade), que leva em consideração as recentes discussões sobre a ludicidade, numa perspectiva de uma vivência de plenitude, onde a integração do sentir, pensar e agir estejam presentes na realização das atividades. Ainda nessa perspectiva, para Luckesi (2007, p. 15) “Lúdico é um estado interno do sujeito e ludicidade é uma denominação geral para esse estado – “estado de ludicidade”; essa é uma qualidade de quem está lúdico por dentro de si mesmo”.

Concordamos com o conceito de resiliência elaborado por Cyrulnik (2004, p. 207). Para ele, “trata-se de um processo, um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes”.

A resiliência pode ser definida como a capacidade que algumas têm tanto individualmente quanto em grupo de resistir e enfrentar situações adversas, a superá-las, sem perder seu equilíbrio inicial, e ainda a saírem fortalecidas ou mesmo transformadas de maneira positiva a partir delas. Mas ninguém propõe que a resiliência seja um processo indolor ou que deixem de existir fantasmas, remanescentes destes traumas.

Neste sentido, Cyrulnik (2005, p. 10 – 11) diz que

“Só podemos falar de traumatismo se houve uma violação, se a surpresa cataclísmica ou às vezes, insidiosa submerge o sujeito, derruba-o e lança-o numa torrente, em uma direção para onde ele não quereria ir. No momento em que o acontecimento rompe sua bolha protetora, desorganiza seu mundo e, às vezes, o torna confuso, o sujeito não completamente consciente daquilo que lhe acontece, desamparado, sofre (...) Mas é preciso dar, o quanto antes, sentido à violação para não permanecer nesse estado confuso em que não se pode decidir nada porque não se compreende nada. É, portanto, uma representação de imagens e de palavras que poderá formar novamente um mundo íntimo, reconstituindo uma visão clara.

O acontecimento que produz o trauma se impõe e nos desorienta, enquanto o sentido que atribuímos ao acontecimento depende de nossa história e dos rituais que nos cercam.”

Inicialmente, é indispensável afirmar que trauma e traumatismo são momentos diferentes de um fato vivenciado. O trauma pode ser compreendido como o fato em si, que ocorre em um dado momento – um fator exterior ao sujeito e que pode ou não se transformar em um traumatismo. O traumatismo é algo posterior e está relacionado à subjetividade do sujeito. “O que ilumina um pedaço do real para torná-lo um acontecimento é a maneira como o meio tornou o sujeito sensível a esse tipo de informação”. (CYRULNIK, 2005, p. 10).

Creemos que, a partir da análise do cotidiano, em uma tentativa de significar as experiências, de forma a tirar proveito dos conflitos pode se configurar em uma atitude resiliente. Gostaríamos de retornar à Ludicidade e a Luckesi (2007, p. 12) para afirmar que

“O ser humano é um ser que se desenvolve, através dos seus atos no decorrer do tempo. (...) O desenvolvimento se processa dentro de nós, todavia na convivência com outro, seja ela harmônica ou conflituosa. Por vezes, a harmonia nos faz crescer e por vezes o conflito também. O conflito não compreendido pode ser traumático e, por isso mesmo, tem o poder de nos fixar na situação e nos prender ao passado; mas, um conflito compreendido pode ser um recurso útil na vida pessoal”.

As questões que nos vêm são: como lidamos com estes conflitos no dia-a-dia da escola? Que atitudes adotamos consciente ou inconscientemente, ou ainda, agimos ou reagimos diante destas situações? Acreditamos que, de acordo com a interpretação dos fatos que vivenciamos bem como das atitudes que tomamos daí por diante, pode se revelar através de posturas mais ou menos lúdicas. Ou seja, podemos criar em nós traumatismos ou buscar a cura para o fato inicialmente traumático.

Falamos no início sobre os conflitos do dia-a-dia, no entanto, não apenas eles devem ser considerados. As nossas práticas também precisam ser avaliadas e propomos que este seja um processo interno ao professor. A partir de uma auto-avaliação sincera, honesta, daquilo que fazemos na escola, do nosso envolvimento com o trabalho e com as pessoas com quem nos relacionamos e criamos vínculos de afetividade – positivos ou negativos.

D’Ávila (2007) denomina o eclipse do lúdico na educação principalmente nas séries iniciais da Educação Básica, ao constatar que a falta de autoria docente e a utilização do livro didático como manual *sacralizado* como uma das causas dessa prática pedagógica apática. A descrição da autora sobre o ambiente escolar parece nos remeter à prática pedagógica exercida por um professor acometido por estresse ocupacional. Reis (2005, p. 1480) afirma que “as conseqüências da Síndrome de Burnout são muito sérias para os vários setores relacionados a educação: professor, aluno, instituição (escola)”. Os professores estão adoecendo e Carlotto apud Reis (2005, p. 1480) constatam que “as mudanças do papel do professor na sociedade *se* refletem na prática de ensino e na saúde do professor, resultando em absenteísmo e solicitação de licença médica para tratamento de saúde, além da forma despersonalizada com que tratam seus alunos”. Resta-nos compreender os caminhos percorridos pelos professores que burlam, driblam as durezas encontradas, como em um movimento da capoeira, onde cada participante, em seu tempo assume um lugar ou outro, ora caindo, ora levantando, quando, após a queda dá a volta e com um gingado todo próprio, faz a sua graça apesar da dor da queda.

Compreendendo a resiliência como possível busca de satisfação naquilo que fazemos, no jeito como fazemos e com aqueles que nos cercam, apesar das dificuldades, encontro em Cyrulnik (2004, p. 209) um fio de luz quando diz “para deixar de se sentir mal, para tornar-se aquele por meio de quem a felicidade chega, é preciso participar da cultura, engajar-se nela, tornar-se ator e não apenas assistido”. Trata-se, pois, em nosso contexto, da autoria docente, há muito esquecida, como elemento enriquecedor da prática, da construção de sentidos.

Em nível pessoal encontrar em alguns autores os agentes estressores descritos; em outros autores o reflexo desse estresse na sala de aula e, em mais outro autor a possibilidade de um caminho de superação cotidiana onde cada um de nós é o sujeito da própria história possibilita

uma vivência plena de significados. Faz-nos abrir pequenos veios de água em meio à seca, que aos poucos vão se juntando, formam riachos pequenos, que convergem para um perder de vista de águas que dão vida. Profissionalmente, faz-nos sentir competentes, capazes de ajudar na construção de sentidos que promove a identificação de caminhos, anteriormente desconhecidos. Provavelmente, aliando ludicidade e resiliência, seja possível marcar-se menos com os eventos traumáticos presentes no cotidiano da escola.

Luckesi acredita que “seria e é possível, a depender de como as mesmas atividades do dia-a-dia possam ser encaminhadas para um ou outro estado interno do trabalhador. A atividade externa necessita de responder às necessidades internas. Então, ela estará propiciando ludicidade.” O autor não está atribuindo um caráter linear quando afirma que nossas representações do trabalho que desenvolvemos podem ser transformadas ou direcionadas para atender a necessidades internas, mas, fala de possibilidades que precisam ser buscadas, é um movimento de obtenção de prazer naquilo que faz. Desse modo, da relação entre as necessidades internas e externas do sujeito, nasce a escolha de qual caminho seguir, para equacionar estas necessidades.

O professor, como outros seres humanos, ao desempenhar suas atividades não deixa de ser quem é, de ter problemas, desejos, frustrações, limitações, sonhos, auto-imagem, consciência política, profissional. Este emaranhado de sentimentos o compõem e interferem no seu estar no mundo.

Ainda em relação a inteireza do ser e a fragmentação que um estudo realizado a partir do acompanhamento de uma pequena população de crianças abandonadas em um orfanato na Romênia, Cyrulnik (2005, p. 26) aponta os resultados variados encontrados a partir da mesma, utilizando os casos como exemplo. Consta que os dados obtidos são bastante diversos e conclui que

“Esses exemplos numerosos provam que é nossa cultura científica que fragmenta o saber para melhor controlá-lo. Uma criança real não pode ser fragmentada, ela é um ser total no qual a melhoria corporal se associa ao progresso da linguagem e cuja inteligência se alia à afetividade.”

Guardando as devidas proporções entre os resultados da pesquisa citada e nossa proposta, pois a primeira trata de crianças e falamos neste anteprojeto de pesquisar adultos no exercício da profissão, concordamos com o autor e comparamos os professores às crianças por pensarmos em um ser real, que não pode ser fragmentado, cuja melhoria corporal se associa ao progresso da linguagem (e pensamento) e cuja inteligência se alia à afetividade, em nosso entendimento.

Pensamos no professor de uma forma fragmentada quando emitimos um juízo de valor em relação ao trabalho que desenvolve, à sua postura pessoal e profissional sem considerar a sua história de vida, os caminhos percorridos até aquele momento histórico e as variáveis que estão relacionadas ao seu cotidiano. Com isso, não pretendemos justificar determinadas práticas docentes. O objetivo é incluir outros elementos a essa discussão.

Luckesi (2007, p. 12), cita Wilhelm Reich para fundamentar sua crença de que “Nós somos constituídos pela nossa história de vida. Todos os eventos do passado biográfico ou sistêmico de cada um de nós produziu a forma que temos hoje.” Ele, Luckesi tenta explicar Reich ainda afirmando que “com isso quis dizer que cada evento em nossa vida deixou marcas em nossas memórias pessoais, para ele, fixadas em marcas corporais, que denominou de

“couraça muscular”. Uma couraça que nos protege ou aprisiona, de acordo com as circunstâncias e a postura de cada um.

Neste sentido, concordo com Luckesi e Reich e retorno a Cyrulnik quando afirma que a melhoria corporal se associa ao progresso da linguagem – quantos de nós consegue articular harmonicamente expressão corporal, linguagem, inteligência e afetividade? São elementos inter-relacionados, implicados e complementares que estão presentes na prática docente, quando o professor canta, dança, interpreta, escreve, fala, cuida, ampara, acolhe.

Dada a complexidade do mundo atual, o professor, tem sido cada vez mais exigido em níveis físicos, intelectuais, administrativos, de eficiência, em resumo, o nível profissional se tentarmos englobar os quatro níveis anteriores.

Neste sentido, Gasparini (2005, p. 191) afirma que,

“Na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade”.

Na Educação Infantil, foco deste projeto de pesquisa, além dos pontos citados acima, alguns elementos são específicos a estes profissionais e precisam ser considerados: O *desgaste físico* dos profissionais em turmas de educação infantil é intenso, pois o número de adultos em cada turma não costuma ser o desejável para o número de crianças e a necessidade de contato físico mais próximo. As condições de trabalho costumam ter um nível de precariedade maior que nos demais níveis de ensino, a exemplo da falta de materiais em qualidade e quantidade satisfatórias para a faixa etária; as instalações físicas costumam ser pouco adequadas ou em número insuficiente para o desempenho das atividades, geralmente em decorrência da adaptação de algum imóvel para o atendimento de crianças em creches e pré-escolas; em algumas situações há também a desvalorização do profissional docente por trabalhar com clientela e nível de ensino que não são socialmente prestigiadas.

Desempenhar a docência na Educação Infantil implica em se relacionar afetiva e diretamente com a criança pequena, construindo vínculos de afeto e confiança. É fundamental um olhar especial a cada criança, olhar esse que precisa ser traduzido nas atitudes, no toque, no jeito de falar com cada uma delas. Essa atitude que descrevemos acima pode ser ameaçada na medida em que se aumenta a relação adulto/criança.

Acreditamos também na existência de um mito que habita no imaginário coletivo acerca do trabalho na educação infantil, como se tudo fosse mágico, lindo, doce, colorido, e é, mas não é só isso. Há trabalho efetivo, há desafios, necessidade de estudar, de reivindicar necessidades de recursos de ordem humana e de estrutura física para que possamos desempenhar um trabalho de qualidade, isto é, onde a criança possa ser o objeto central dos nossos esforços.

Em relação à eficiência, o tipo de exigência muda em relação ao ensino fundamental e a atenção se volta para a qualidade do atendimento prestado, tendo como objetivo a melhoria do rendimento da criança em níveis posteriores, o que para nós é um equívoco.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

A partir da revisão de bibliografia concluímos que, diante dos elementos que compõem o dia a dia do trabalho docente, encadeados didaticamente para melhor compreensão das variáveis que compõem o universo do professor e seus desafios, tentamos entender como pode estar a saúde deste profissional. Os estudos realizados por Reis et. al (2005) e Gasparini, Barreto e Assunção (2005), dão conta de que, devido às pressões, cada vez mais os professores estão adoecendo.

Por outro lado, se considerarmos que o ser humano é um ser ativo e que se adapta às mais variadas situações – proposição que justifica a nossa presença e adaptação ao mundo, concordamos com Luckesi (2007, p. 15) quando afirma que

“As atividades em geral em nossas vidas podem gerar em nós um estado lúdico ou não. Nesse contexto, ludicidade não decorre diretamente do mundo exterior a cada um de nós, mas sim do nosso mundo interior, que se relaciona com o exterior. A forma como agimos e reagimos ao que acontece em nossa vida estimula a ludicidade ou não”.

Posteriormente, a partir da análise das narrativas das professoras entrevistadas podemos identificar em suas falas os elementos que possibilitem a melhor compreensão do problema investigado. Considerando a afirmação de Cyrulnik, (2005, p. 42) segundo o qual:

“Para iniciar um trabalho de resiliência, devemos esclarecer novamente o mundo e dar-lhe coerência. A ferramenta que permite esse trabalho chama-se “narração”. É evidente que não podemos contar uma história a partir do nada. É necessário que tenhamos sido sensíveis a fragmentos do real, que os tenhamos transformado em lembrança, associado e recomposto em encadeamentos temporais lógicos. Esse trabalho psíquico deve ser dirigido a alguém que nos afete. Ou seja, mesmo na narrativa mais simples, cada personagem é co-autor da narração.” (CYRULNIK, 2005, p. 42)

Acreditamos na possibilidade de re-significação das experiências traumáticas vivenciadas pelos sujeitos na medida em que a lembrança destas experiências é trazida à tona não na perspectiva de compartilhá-la, como afirma Cyrulnik, (2005, p. 42)

“Compartilhar uma infelicidade é sofrer uma segunda vez, a menos que... a menos que participar da narrativa de um desastre não seja exatamente compartilhá-lo. Porque a escolha das palavras, a organização das lembranças, a pesquisa estética provocam o domínio das emoções e o remanejamento da imagem que fazemos acerca daquilo que nos aconteceu.”

E é na perspectiva da narrativa como meio de re-elaboração e atribuição de significado às experiências vividas que podemos re-elaborar o sentido desta experiência e *soprar as brasas da resiliência*, presentes em cada um de nós.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, R. G.; LEHER, R. Trabalho docente e as reformas neoliberais. In: OLIVEIRA, D. A. *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39-60.
- BRASIL, MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96*. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>> [29/06/2006]
- CHOR, Dora. *Estresse no trabalho e repercussões na saúde: resultados do Estudo Pró-Saúde* <<http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/17889>>. [07/07/2008].
- CODO, Wanderley (Coord.). *Educação, carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília, DF: CNTE; UnB, 1999. p. 237-54
- COX, T. *Stress*. London: Mcmillan, 1978.
- CYRULNIK, Boris. *O murmúrio dos Fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CYRULNIK, Boris. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- D'ÁVILA, Cristina Maria. *Eclipse do lúdico*. In.: D'ÁVILA, Cristina (Org.). *Educação e Ludicidade: ensaios 04*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Gepel, 2007 (p. 11 – 19).
- GASPARINI Sandra Maria. BARRETO, Sandhi Maria. E ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005
- GLINA, Débora. *Estresse no trabalho*. Disponível em: <<http://www.deboraglina.com.br>> [07/07/2008.]
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Ludicidade e desenvolvimento humano*. In.: D'ÁVILA, Cristina (Org.). *Educação e Ludicidade: ensaios 04*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Gepel, 2007 (p. 11 – 19).
- OLIVEIRA, D. A. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Autêntica: Belo Horizonte, 2003, p. 13-35.
- REIS, Eduardo J. F. Borges dos. et. al. Docência e exaustão emocional. In.: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> [15/11/2006].
- REIS, Eduardo J. F. Borges dos. et. al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista. Bahia, Brasil. In.: *Caderno de Saúde Pública*. v. 21 n. 5 Rio de Janeiro set./out. 2005, p. 1480-1490.
- SELIGMANN-SILVA, E.. *Desgaste mental no trabalho dominado*. São Paulo, SP: Cortez, 1994.

SINPRO-BA. Relações entre Trabalho e saúde. [s d]. Disponível em: <http://www.sinpro-ba.org.br/saude/relacoes_trabalho.htm>. Acesso em 08/04/2008.